

Leticia Gonçalves Guedes da Cunha

**DESPERTANDO O OLHAR ARTÍSTICO: UM CAMINHO PARA A
DESCONSTRUÇÃO ESTÉTICA NA ARTE**

Rio de Janeiro

2024

Leticia Gonçalves Guedes da Cunha

**DESPERTANDO O OLHAR ARTÍSTICO: UM CAMINHO PARA A
DESCONSTRUÇÃO ESTÉTICA NA ARTE**

Produto educacional apresentado ao Programa de Especialização em Ensino de Artes Visuais - EAD, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Professora Mestra Erika Machado Njaimé

Rio de Janeiro
2024

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

C972 Cunha, Leticia Gonçalves Guedes da
Despertando o olhar artístico : um caminho para a desconstrução estética
na arte / Leticia Gonçalves Guedes da Cunha. - Rio de Janeiro, 2024.

31 f.

Produto Educacional apresentado como Trabalho de Conclusão de
Curso (Especialização em Ensino de Artes Visuais – EAD) – Colégio
Pedro II. Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Erika Machado Njaime.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. 2. Desenho. 3. Expressão gráfica. 4.
Liberdade e arte. 5. Adolescência. I. Njaime, Erika Machado. II. Colégio
Pedro II. III. Título.

CDD 707

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 – 5692.

Leticia Gonçalves Guedes da Cunha

**DESPERTANDO O OLHAR ARTÍSTICO: UM CAMINHO PARA A
DESCONSTRUÇÃO ESTÉTICA NA ARTE**

Produto educacional apresentado ao Programa de Especialização em Ensino de Artes Visuais - EAD, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Aprovado em: 19/08/2024.

Banca Examinadora:

Professora Mestra Erika Machado Njaime
Colégio Pedro II

Doutora Camila Nagem Marques Vieira
Colégio Pedro II

Mestre André Dias Pires
Colégio Pedro II

Rio de Janeiro
2024

Dedico este trabalho à minha mãe Leila Cristina, pela sua força que foi minha mola propulsora e permitiu meu avanço mesmo durante os momentos mais difíceis. Obrigado por todo carinho e compreensão. E aos familiares que já partiram, mas que sempre serão lembrados, Alcina Carla, Dilson Guedes e Marcelo Pimentel, com certeza estão torcendo por mim de onde estiverem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e a todos os Orixás que foram minha fonte de força e inspiração e me ajudaram a superar as dificuldades e a encontrar o caminho certo para alcançar meus objetivos.

Aos meus pais, Leila Cristina e George Henrique, que sempre estiveram ao meu lado em todas as etapas deste trabalho. Seu apoio incondicional, amor e incentivo foram essenciais para que eu pudesse superar os desafios e chegar até aqui.

Ao meu pai Dilson Guedes (em memória), que não está mais entre nós, mas continua sendo minha maior força na vida. Sua lembrança me inspira e me faz persistir

Aos meus irmãos, Carolina, Bruno e Beatriz e Priscila, que sempre me encorajaram a perseguir meus objetivos e me ajudaram a manter a motivação e persistência em momentos difíceis. Suas palavras de ânimo, conselhos e incentivo foram fundamentais para mim.

Ao meu esposo Erick Sarmiento por sempre ter me encorajado a buscar a excelência e a superar meus próprios limites e por ser meu porto seguro durante todo o processo. Seu amor e comprometimento com nossa relação foram um grande estímulo para minha dedicação ao trabalho.

Agradeço a todos os que me apoiaram e me incentivaram durante a elaboração deste TCC, me ajudando a manter a motivação e a persistência. Seus conselhos e palavras de encorajamento foram fundamentais para minha confiança em mim mesmo.

Agradeço ao Colégio Pedro II que disponibilizou recursos tecnológicos e bibliográficos para a realização deste trabalho. Seu comprometimento com o ensino de qualidade foi um grande estímulo para minha dedicação ao trabalho.

“Cada criança é um artista.
O problema é como permanecer um artista depois de crescer.”
(Pablo Picasso)

RESUMO

O ingresso de um educador de Artes em sala de aula atualmente frequentemente se depara com uma resistência por parte dos alunos em relação à prática do desenho. Esta relutância não surge de uma falta de criatividade, mas sim de um conflito em torno do conceito de "saber desenhar". O desenvolvimento de um senso crítico, influenciado por interações com pessoas mais velhas e com o mundo ao redor, atribui um valor estético à arte infantil e adolescente, onde a beleza é concebida como realista e sem falhas. Este paradigma estabelecido na sociedade coloca uma pressão sobre os jovens artistas, levando-os a se sentirem excluídos quando não conseguem alcançar esse padrão estético. Este ensaio analisa as lacunas no ensino de arte que surgem devido aos valores estéticos predominantes na sociedade, que muitas vezes suprimem a expressão artística genuína das crianças e adolescentes. Propõe-se um diálogo com os grafismos espontâneos das crianças, destacando a importância da experimentação. Ao compreender as tendências do grafismo infantil, é possível identificar diferentes estágios de desenvolvimento que caracterizam a expressão artística em idades específicas. Esses estágios, desde a rabiscagem desordenada até a figuração realista, destacam a evolução das habilidades artísticas e cognitivas das crianças. A atividade realizada em uma escola particular no Rio de Janeiro buscou estimular os alunos a reconhecerem como as expectativas de transição entre os estágios de desenvolvimento podem restringir sua criatividade. Este estudo destaca a importância de reconstruir abordagens educacionais que valorizem a expressão individual e promovam a autoconfiança, em vez de enfatizar modelos predefinidos de perfeição estética.

palavras-chave: Educação escolar, desenho, arte, rabiscagem, adolescência.

ABSTRACT

The entry of an Arts educator into the classroom is currently often met with resistance from students in relation to the practice of drawing. This reluctance does not arise from a lack of creativity, but rather from a conflict around the concept of "knowing how to draw". The development of a critical sense, influenced by interactions with older people and the world around, attributes an aesthetic value to children's and adolescent art, where beauty is conceived as realistic and flawless. This paradigm established in society puts pressure on young artists, making them feel excluded when they cannot reach this aesthetic standard. This essay analyzes the gaps in art education that arise due to the prevailing aesthetic values in society, which often suppress the genuine artistic expression of children and adolescents. A dialogue with children's spontaneous graphics is proposed, highlighting the importance of experimentation. By understanding trends in children's graphics, it is possible to identify different stages of development that characterize artistic expression at specific ages. These stages, from messy scribbling to realistic figuration, highlight the evolution of children's artistic and cognitive skills. The activity carried out at a private school in Rio de Janeiro sought to encourage students to recognize how transition expectations between stages of development can restrict their creativity. This study highlights the importance of reconstructing educational approaches that value individual expression and promote self-confidence, rather than emphasizing predefined models of aesthetic perfection.

keywords: School education, drawing, art, scribbling, adolescence

LISTA DE FIGURAS (ILUSTRAÇÕES)

| | |
|---------------------------------|-----------|
| Figura 1 - El Toro | 16 |
|---------------------------------|-----------|

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|-----------|
| Tabela 1 - Sintetizando a Proposta Triangular | 19 |
|--|-----------|

SUMÁRIO

| | | |
|---------------|--|----|
| 1. | INTRODUÇÃO | 12 |
| 2. | FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA-TEÓRICA | 15 |
| 3. | DESENVOLVIMENTO | 20 |
| 3.1. | Processo de criação | 20 |
| 3.1.1. | Primeira atividade: Desconstrução do Olhar e do Desenho | 22 |
| 3.1.2. | Segunda atividade: Desenho às Cegas na Percepção Tátil e Artística | 23 |
| 3.1.3. | Terceira atividade: Percepção Visual com Desenhos de Objetos Invertidos | 24 |
| 3.1.4. | Quarta atividade: Desenhos com a mão não dominante | 25 |
| 3.1.5. | Quinta atividade: Objetos do Cotidiano através do Desenho | 26 |
| 3.1.6. | Sexta atividade: Desenho coletivo | 27 |
| 4. | CONCLUSÃO | 29 |

1. INTRODUÇÃO

Quando um docente de Artes entra em sala de aula hoje é possível ver resistência por parte do corpo discente, que luta contra a realização de um desenho, e isso não é gerado pela falta de criatividade, mas sim, pelo fato que muitos entram em um dilema do ‘saber desenhar’. O senso crítico que se formou com o contato dos mais velhos e do mundo coloca um valor estético na arte da criança e do adolescente aonde uma arte denominada bela, é uma arte realista e sem defeitos. Nesse contexto, este trabalho visa observar as lacunas existentes no ensino de arte onde a expressão artística da criança/adolescente é posta de lado por valores estéticos da sociedade, propondo um diálogo com os grafismos apresentados no momento da rabiscagem, o qual a experimentação é posta em destaque.

Ao trabalhar com discentes do 6º ano do ensino fundamental ao 1º ano do ensino médio é observado, ao longo dos anos, como as atividades de Arte, onde se coloca em prática expressões artísticas como pintura, grafismo e escultura, enfrentam um bloqueio com o desenho e a criança e o adolescente tendem a entrar em conceitos de beleza e se sentirem excluídos, por muitas vezes não conseguir alcançar tal padrão estético em sua produção. Nesse contexto é relevante que os docentes/educadores busquem explorar a representação artística da criança como sua primeira forma de diálogo e expressão voltando aos rabiscos elaborados por elas e trazendo em uma leitura atual dos simbolismos que poderão surgir nesse processo e, com isso, ressignificando o modo de ver a arte.

Para compreendermos melhor as tendências do grafismo infantil teremos como base o estudo de Lowenfeld¹, e da premissa de que as fases de desenvolvimento da criança evoluem com suas habilidades e o seu processo de aprendizagem. Esse estudo apresenta os grafismos infantis em fases ou estágios de desenvolvimento: rabiscagem desordenada ou garatuja, figuração pré-esquemática, figuração esquemática e figuração realista (Lowenfeld,1976).

A fase da rabiscagem desordenada ou garatuja para Lowenfeld (1976) é uma fase em que a criança não tem a intenção de escrever ou desenhar, ela apenas produz rabiscos aleatórios, com o tempo, passa a desenhar formas como círculos e quadrados, mas sem proporção ou precisão, essa fase tem início por volta dos dois anos de idade.

Na segunda fase, figuração pré-esquemática, a criança é capaz de elaborar desenhos sobre pessoas, usando formas circulares para criar braços, pernas e cabeça, mas sem ideia de

¹ Viktor Lowenfeld (1903 – 1960) austríaco, professor de artes e desenvolveu a teoria dos estágios do desenvolvimento do grafismo infantil.

tamanho. Para Lowenfeld, a repetição das formas nessa fase, que ocorre por volta dos quatro a sete anos de idade, faz gerar um aperfeiçoamento do desenho, que por sua vez, tem-se uma fusão de desenho, pensamento e realidade, como uma ‘intenção figurativa simbólica’ (Souza, 2010, p. 23).

Posteriormente temos a fase da figuração esquemática, que vai se apresentar dos sete aos nove anos de idade, nessa fase a criança possui uma compreensão sociocultural, que permite desenhar as suas vivências ligadas diretamente ao seu meio, nessa etapa os desenhos possuem formas mais definidas, com uma noção maior de espaço e de lugar, a criança começa a colocar a linha do chão, uma linha horizontal, na qual vai definir para ela onde começa seu desenho. “A criança não se preocupa em desenhar com fidelidade os objetos que a cercam no cotidiano, uma vez que utiliza seus símbolos e detalhes, afinal, para ela, se trata de uma representação simbólica-esquemática”. (Santiago e col., 2020, p.20).

A última fase é chamada por Lowenfeld de figuração realista, ocorre dos 9 aos 12 anos de idade, nessa fase a criança vai buscar um desenho mais realista em relação ao que ela vê, tentando recriar o mundo ao seu redor com proporção e tamanho, com isso, cria-se também uma visão autocrítica dos seus desenhos, deixando de lado o que era livre e espontâneo e restringindo seus desenhos, nessa fase também aumenta a ideia de sociedade da criança e dessa forma eles percebem que seus desenhos e trabalhos podem ser feitos em grupo.

Tendo em vista os estudos de Lowenfeld (1976) e Porcher (1982), foi idealizada uma atividade para turmas do Ensino Fundamental e Médio a fim de incentivar os alunos e ajudá-los a reconhecer como as etapas de transição do desenho causaram e ainda causam a limitação da criatividade, e que o processo que foi esquecido na sua fase de figuração esquemática, onde a fidelidade ou cópia do desenho e da realidade não importam mas sim o seu potencial artístico e inventivo, deve direcioná-lo na sua formação cultural.

O conceito da atividade é mostrar como as crianças na sua última fase de desenvolvimento – figuração realista – conseguem trabalhar em conjunto e enxergar suas imperfeições e sentimentos sem se sentir fracassado ou envergonhado. Para isso, será exposto alguns artistas que trabalharam com desenhos, pinturas e esculturas que fugiam da realidade e ainda assim são consagrados nos dias de hoje, por sua autenticidade, sua forma de ver o mundo,

de inventar, criar e expressar suas emoções como: Salvador Dalí², Vincent Van Gogh³, Edvard Much⁴, entre outros.

Nas sequências didáticas apresentadas, buscamos demonstrar, exemplificar e reconstruir a proposta do desenho desconstruído, desde sua contextualização histórica até sua estruturação para uma possível aplicação prática. Ao analisar obras de artistas que utilizaram essa técnica, como Picasso em "O Touro", e ao desenvolver atividades interdisciplinares que estimulam a desconstrução do olhar e a criação de produções artísticas originais, almejamos criar um ambiente onde os alunos possam desenvolver um estilo único e expressar sua visão pessoal do mundo. O objetivo final é a elaboração de um portfólio que não apenas registre as obras criadas, mas também permita aos estudantes reconhecerem e valorizarem sua própria arte, seguindo o princípio de que a observação é interpretativa e não meramente copiativa.

Assim para Wypych⁵ e Schlichta⁶ a sensibilidade estética é resultante do desenvolvimento dos sentidos, tanto físicos quanto espirituais e que a escola é talvez o único espaço de socialização da produção espiritual historicamente acumulada pela humanidade. Nesse contexto, a ideia era fazer com que os alunos não se sentissem incapazes de fazer seu próprio desenho por conta de modelos impostos ou estereótipos o que gera perda de autenticidade e autoconfiança.

² Salvador Dalí (1904 – 1989) espanhol, importante pintor do movimento Surrealista.

³ Vincent Van Gogh (1853 – 1890) neerlandês, pintor influente da arte ocidental do movimento Pós-Impressionista.

⁴ Edvard Munch (1863 – 1944) norueguês, pintor considerado um dos precursores do Impressionismo e Expressionismo.

⁵ Especialista em Fundamentos Estéticos para Arte Educadores pela FAAP, professora da Escola Estadual República Oriental do Uruguai em Curitiba, Paraná.

⁶ Doutora em História pela UFPR, professora do Departamento de Arte da UFPR, orientadora PDE

2. FUNDAMENTAÇÃO METODOLOGICA-TEÓRICA

A prática do desenho desconstruído é uma abordagem revolucionária que desafia as convenções estabelecidas da representação artística. Ao questionar a importância de retratar objetos de forma literal, esta técnica busca explorar a essência de um objeto através de suas partes, incentivando uma visão mais dinâmica e expressiva da realidade. Esta abordagem não apenas amplia a percepção visual dos praticantes, mas também promove o desenvolvimento da criatividade, da habilidade de observação e da compreensão da forma tridimensional. No contexto educacional e terapêutico, compreender o impacto dessa prática no desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças é de suma importância. Ao ressignificar o processo de desenho, podemos oferecer às crianças oportunidades enriquecedoras para explorar sua criatividade, expressar suas emoções e desenvolver habilidades essenciais para seu crescimento e bem-estar.

O desenho desconstruído baseia-se em teorias e práticas que questionam as convenções estabelecidas da representação artística, a importância de explorar a forma e a estrutura de um objeto a partir de suas partes, rompendo com a ideia de representação literal. Ao desconstruir um objeto, a criança pode compreender melhor seus elementos essenciais e criar representações mais dinâmicas e expressivas. Ao desafiar as convenções tradicionais de representação, eles podem ampliar sua percepção visual e desenvolver um estilo único. Além disso, a prática do desenho desconstruído estimula a criatividade, a habilidade de observação e a compreensão da forma tridimensional.

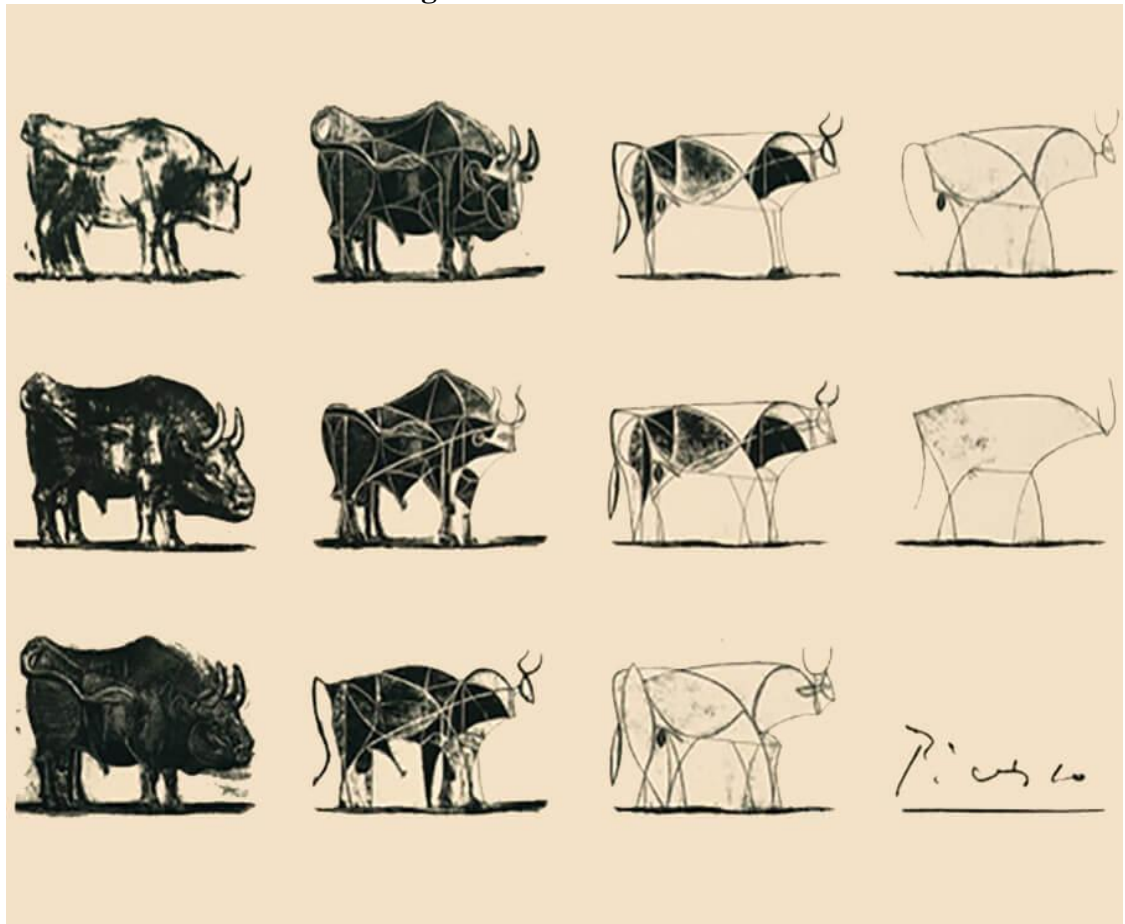
A ressignificação do desenvolvimento e da prática do desenho é de extrema relevância, pois nos permite compreender como essa atividade artística influencia o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. Através desse estudo, podemos fornecer uma base sólida para a promoção do desenho como uma ferramenta educacional, proporcionando às crianças oportunidades enriquecedoras para explorar sua criatividade, expressar suas emoções e desenvolver habilidades essenciais para o seu crescimento e bem-estar geral.

Para conseguir alcançar os objetivos do estudo, é preciso demonstrar, exemplificar, reconstruir e aplicar a proposta. Em um primeiro momento deve-se demonstrar a proposta para os estudantes, onde a ressignificação do olhar deve ser colocada em voga, para isso, pode-se demonstrar como artistas do passado usaram diversas técnicas no desenho desconstruído, incluindo a simplificação de formas complexas em formas geométricas básicas, a fragmentação do objeto em partes menores e a experimentação com diferentes perspectivas contextualizando

os ideais do passado com o presente. Nas palavras de Barbosa⁷ (1998, p.38), “Contextualizar é estabelecer relações [...] a contextualização no processo ensino-aprendizagem é a porta aberta para a interdisciplinaridade”.

O objetivo principal é entender a estrutura subjacente e capturar a essência do objeto de maneira criativa e original. Para essa observação não ser apenas teórica e sim visual levamos exemplos como a obra “O touro” de Picasso⁸, onde o artista realiza um conjunto de litografias mostrando como desenvolver uma arte do ponto de vista acadêmico ao abstrato.

Figura 1 - El Toro



Fonte: Pablo Picasso, 1945.

O desenho inicial da obra retrata um touro realista, algo com o qual as crianças e adolescentes estão familiarizados e reconhecem o valor estético da imagem, posteriormente Picasso começa a desconstruir sua obra realista com linhas e planos principais da anatomia do touro, até restarem apenas as linhas que vão caracterizar as formas fundamentais da criatura. Nesse sentido, o estudante passa a conhecer os elementos visuais da obra, para descobrir e

⁷ Anna Mae Tavares Bastos Barbosa é uma educadora brasileira, pioneira em pós-graduação em ensino de Arte.

⁸ Pablo Ruiz Picasso foi um pintor espanhol, escultor, ceramista, cenógrafo, poeta e dramaturgo.

discutir questões que ela revela. Conhecer a obra e compará-la com obras e artistas de outras épocas ou não, interpretando-a subjetivamente’ (Araújo; Oliveira, 2013, p. 74).

Para Barbosa (2010, p.39), ler imagens não está atrelado a uma metodologia específica, “[...] o importante é que obras de arte sejam analisadas para que se aprenda a ler a imagem e avaliá-la; esta leitura é enriquecida pela informação acerca do contexto histórico [...]”. Barbosa não se restringe a leitura da imagem, ela sugere o uso ou a criação de metodologias para o aprendizado, como afirmado pela autora:

Leitura da obra de arte é questionamento, é busca, é descoberta, é o despertar da capacidade crítica, nunca a redução dos alunos a receptáculos das informações do professor, por mais inteligentes que elas sejam. A educação cultural que se pretende com a Proposta Triangular é uma educação crítica do conhecimento construído pelo próprio aluno, com a mediação do professor, acerca do mundo visual e não uma “educação bancária” (Barbosa, 1998, p. 40).

Nesse contexto, a ideia principal é que a partir das atividades propostas seja elaborado um portfólio individual com atividades, interdisciplinares ou não, que busquem o fazer artístico de modo que os valores estéticos, o conceito de beleza clássico, sejam quebrados. Desse modo, atividades como releitura de obras artísticas tendo como observação voltadas para o tema, as cores, os elementos visuais e a desconstrução do olhar. Além da elaboração de objetos artísticos (pintura, escultura ou grafismo) utilizados para a criação de um portfólio visando o registro e a organização das obras criadas pelos estudantes.

Sobre este processo apresentado, a autora Ana Mae Barbosa e sua proposta da Abordagem Triangular (1998, 2005, 2010a, 2010b, 2010c) colabora com o pretendido por organizar em três eixos (Contextualização, da Leitura de Imagem e do Fazer Artístico) a alfabetização da leitura de imagens, o que, pela perspectiva deste trabalho está intimamente ligada a formação da identidade e do gosto das crianças e dos adolescentes. Para a autora “[...] qualquer conteúdo, de qualquer natureza visual e estética, pode ser explorado, interpretado e operacionalizado através da Proposta Triangular” (Barbosa, 1998, p. 38).

A Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa é uma abordagem metodológica amplamente reconhecida e utilizada no ensino de arte. Essa proposta busca integrar três elementos fundamentais no processo de ensino-aprendizagem: o fazer artístico, a apreciação estética e o conhecimento sobre a arte. A base da proposta triangular é a ideia de que o ensino de arte deve ir além da mera reprodução técnica de técnicas e habilidades artísticas. Em vez disso, ele deve proporcionar aos estudantes a oportunidade de vivenciar a arte em sua totalidade, explorando sua própria criatividade, apreciando obras de arte e compreendendo o contexto e a história por trás delas.

O primeiro vértice da Proposta Triangular é o "conhecimento sobre a arte". Nessa etapa, os estudantes são introduzidos à história da arte, aos movimentos artísticos, aos artistas e às diversas manifestações culturais que permeiam o campo da arte. Eles aprendem sobre o contexto histórico, social e cultural em que as obras de arte foram produzidas, explorando conexões entre a arte e outras disciplinas. O conhecimento sobre a arte fornece aos estudantes uma base sólida para compreender e interpretar as obras de arte, contextualizando-as em um panorama mais amplo.

O segundo vértice da Proposta Triangular é a "apreciação estética". Aqui, os estudantes são expostos a diferentes obras de arte, tanto clássicas quanto contemporâneas, provenientes de diversas culturas e estilos. Eles são convidados a observar, analisar e refletir sobre essas obras, desenvolvendo habilidades de apreciação estética. A apreciação estética permite que os estudantes ampliem seu repertório visual, desenvolvam o senso crítico e a capacidade de interpretar e atribuir significado às obras de arte.

O terceiro vértice da proposta triangular é o "fazer artístico". Ele se refere à prática artística em si, envolvendo a experimentação com materiais, técnicas e processos criativos. Nessa etapa, os estudantes são encorajados a expressar suas ideias, sentimentos e percepções por meio da criação artística. O fazer artístico estimula o desenvolvimento da criatividade, da expressão pessoal e do pensamento crítico.

A Proposta Triangular busca integrar esses três vértices em um processo contínuo e interdependente, em que o fazer artístico, a apreciação estética e o conhecimento sobre a arte se retroalimentam e se fortalecem mutuamente. Dessa forma, a abordagem propicia uma educação artística mais completa e enriquecedora, estimulando o desenvolvimento integral dos estudantes e promovendo a formação de cidadãos mais sensíveis, criativos e críticos. Ela valoriza tanto a experiência pessoal do estudante quanto a apreciação e compreensão do universo artístico, ampliando as possibilidades de expressão e promovendo o enriquecimento cultural. Apresento a seguir uma tabela, retirada do artigo “Conhecendo o *Image Watching* e a Abordagem Triangular: Reflexões Sobre as Imagens da Arte no Ensino Fundamental”, onde as ações que compõem a Proposta Triangular são observadas e a partir dessas ações meu produto educacional contempla um processo contínuo.

Tabela 1 - Sintetizando a Proposta Triangular

| Etapa | Ações | Síntese |
|-------------------|-----------------------------------|--|
| Contextualização | Conhecer Relacionar Estudar | O/a estudante estabelece relações entre a obra e outros contextos. Pode relacionar com a história da obra estudada, ao período em que foi produzida e aos aspectos da vida do/a artista que a criou, por exemplo |
| Leitura de Imagem | Observar Perceber Analisar | O/a estudante interage com a obra, percebendo aspectos expressivos da sua materialidade como linha, cor, forma e textura, e constrói interpretações sobre ela |
| Fazer Artístico | Desenvolver Expressar Criar | O/a estudante utiliza de procedimentos e técnicas artísticas para criar a partir da obra estudada, expressando seus conhecimentos |

Fonte: João Paulo Baliscai, Vinícius Stein, Daniele Luzia Flach Alvares. Revista Contexto & Educação, 2018.

Em síntese, a prática do desenho desconstruído, como abordagem revolucionária, desafia as normas estabelecidas da representação artística ao buscar explorar a essência dos objetos através de suas partes. Ao ressignificar o processo de desenho, não apenas ampliamos a percepção visual dos praticantes, mas também promovemos o desenvolvimento da criatividade e da compreensão da forma tridimensional. No contexto educacional, compreender o impacto dessa prática no desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças é essencial. A partir da Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa, que integra conhecimento sobre a arte, apreciação estética e fazer artístico, podemos construir uma base sólida para promover uma educação artística mais completa, enriquecedora e integral, estimulando o desenvolvimento pessoal e crítico dos estudantes. Ao integrar esses elementos em um processo contínuo, podemos proporcionar oportunidades enriquecedoras para explorar a criatividade, expressar emoções e desenvolver habilidades essenciais para o crescimento e bem-estar geral dos alunos.

3. DESENVOLVIMENTO

O presente estudo tem por objetivo desenvolver o olhar das crianças e dos adolescentes para reconhecer o desenho desconstruído e ressignificar os seus conceitos de arte, e assim, permitindo-as a valorizar seus fazeres artísticos por meio da construção de um portfólio individual. Esse portfólio será desenvolvido por meio de atividades propostas pelo docente em diferentes momentos, visando o registro e a organização das obras criadas pelos estudantes. Ao final do ciclo, os alunos irão revisitar suas obras, analisá-las e discorrer sobre seu processo artístico, assim como a desconstrução do olhar.

A criação de um portfólio possibilita ao jovem artista uma retrospectiva visual de seu progresso ao longo do tempo. Por meio da compilação organizada de obras, o estudante pode discernir nuances sutis em sua técnica, estilo e abordagem temática. Esta perspectiva de retrospectiva é essencial para aprimorar a compreensão da própria jornada artística, permitindo ajustes e refinamentos fundamentais.

Para Barbosa (2005, p. 78):

A criação de portfólios na aula de artes é um recurso essencial para documentar o processo de aprendizagem dos alunos. Além de apresentar as produções finais, os portfólios permitem registrar os momentos de experimentação, os rascunhos e as reflexões que fazem parte do percurso criativo. Dessa forma, os portfólios se tornam instrumentos poderosos para avaliar não apenas o resultado, mas também a trajetória e o desenvolvimento das habilidades artísticas dos estudantes ao longo do tempo.

Além disso, ao revisitar trabalhos anteriores, o estudante é capaz de identificar padrões de crescimento e áreas de estagnação. Essa autoconsciência é crucial para o desenvolvimento contínuo, pois proporciona a oportunidade de deliberadamente explorar novas direções artísticas ou aprofundar habilidades já estabelecidas.

3.1. Processo de criação

O portfólio, quando concebido de maneira acadêmica, torna-se um arquivo valioso do processo criativo. Cada obra documentada carrega consigo não apenas o produto, mas também insights sobre as etapas intermediárias e as escolhas artísticas feitas pelo estudante. Ao analisar esboços, estudos preliminares e anotações, é possível desvendar o caminho intelectual e emocional percorrido na criação de uma peça.

Essa introspecção no processo de criação é enriquecedora, pois permite ao artista compreender a fundo suas próprias fontes de inspiração, métodos de experimentação e o papel da intuição na tomada de decisões artísticas. Dessa forma, o portfólio se torna uma ferramenta pedagógica valiosa, capacitando o adolescente a aprimorar sua habilidade de concepção e execução artística.

A elaboração de um portfólio acadêmico exige do estudante uma avaliação crítica de suas próprias obras. Esse exercício de autoavaliação promove uma desconstrução do olhar, desafiando preconceções e incentivando a busca por novas perspectivas. O adolescente aprende a discernir não apenas o que é visualmente atraente, mas também a compreender as nuances conceituais e técnicas subjacentes a cada obra.

Ademais, ao compilar um corpo de trabalho, o estudante é instigado a refletir sobre a coesão e consistência de sua produção artística. A seleção e organização das obras no portfólio requer uma análise crítica das relações entre temas, estilos e técnicas utilizadas. Essa prática desenvolve a capacidade do artista de contextualizar suas criações dentro de um quadro conceitual mais amplo.

Para atingir esses objetivos, o professor pode empregar uma variedade de atividades, a partir dos objetivos específicos propostos que demandam uma abordagem mais detalhada e explícita. Estes incluem:

- Desenvolver a fruição aprimorando a capacidade de apreciar, entender e extrair significado de obras de arte;
- Fugir da padronização estética desenvolvendo uma abordagem artística autêntica e única, evitando a adesão cega às convenções estéticas preestabelecidas;
- Aplicar a técnica de desconstrução visual, visando a desmontagem e análise minuciosa de elementos visuais complexos, a fim de compreender suas partes constituintes e seu impacto na totalidade da composição.
- Desenvolver e aprimorar a capacidade de concentração e observação de detalhes, promovendo a habilidade de discernir nuances e sutilezas em contextos visuais diversos, potencializando assim a apreciação e compreensão mais profunda das obras analisadas.
- Fomentar a experimentação como meio de explorar abordagens e técnicas inovadoras no contexto visual, encorajando a busca por soluções criativas e a ampliação das fronteiras convencionais da expressão visual.
- Aprofundar a exploração da percepção visual, investigando as complexidades subjacentes aos processos perceptivos, e compreendendo como estes influenciam a

interpretação e apreensão das obras de arte, bem como o impacto emocional e cognitivo que elas exercem sobre o espectador.

Foram criadas cinco atividades, que podem ser aplicadas para as turmas do fundamental anos finais e ensino médio, as quais descrevo cada uma em forma de plano de aula para melhor compreensão.

3.1.1. Primeira atividade: Desconstrução do Olhar e do Desenho

Na primeira atividade, é proposto a desconstrução do olhar, demandando dos alunos a análise detalhada de uma imagem apresentada pelo docente. Neste exercício, os estudantes são instigados a observar minuciosamente os elementos constituintes e a composição da imagem, que englobam aspectos como cores, texturas e formas. A partir desta compreensão das relações presentes, cabe aos alunos a tarefa de analisar a imagem, delineando suas linhas e formas distintas, para então criar um desenho empregando esses elementos. O objetivo é recontextualizar a imagem original, oferecendo uma interpretação autoral que reflita a percepção individual do aluno sobre a obra. Este processo, além de desenvolver habilidades técnicas, promove uma apreciação mais aprofundada da estrutura visual e das relações estéticas subjacentes à composição artística.

- Plano de Aula: Desconstrução do Olhar e do Desenho

Nível de Ensino: 6º ano do Ensino Fundamental à 3ª série do Ensino Médio;

Objetivos: Desenvolver a capacidade de observação crítica e compreender os elementos constituintes de uma imagem, aprimorando habilidades de desenho através da desconstrução.

Recursos necessários: Projetor ou tela para apresentação da imagem; Papel, lápis e borracha para cada aluno; Imagem selecionada para análise (obra de arte, fotografia, ilustração etc.).

Metodologia:

- Contextualizar o conceito de desconstrução visual e apresentar a imagem (escolhida pelo docente);
- Projetar a imagem selecionada e pedir aos alunos que a observem silenciosamente, sem fazer nenhum registro;
- Iniciar uma discussão sobre a imagem, abordando elementos como composição, uso de cores, texturas, formas etc.;
- Encorajar os alunos a expressarem suas percepções e interpretações;

- Orientar os alunos a dividirem a imagem em elementos visuais distintos, destacando linhas, formas, e áreas de cor;
- Incentivar a observação detalhada e a identificação das relações entre esses elementos, pedir aos alunos que selecionem um elemento da imagem para desenhar em detalhes;
- Desenvolver a Habilidade de Desenho;
- Promover a análise dos desenhos produzidos, destacando os pontos fortes e áreas de melhoria e encorajar a troca de feedback construtivo entre os alunos;
- Concluir a aula reforçando a importância da desconstrução visual e do aprimoramento constante das habilidades de observação e desenho.

Avaliação: os alunos serão avaliados com base na participação nas discussões da desconstrução da imagem e na execução do desenho. Será observado o desenvolvimento na capacidade de análise e na aplicação das técnicas de desenho ao longo das aulas e na construção do portfólio.

Observações: A atividade de desconstrução visual requer paciência e prática. Encoraje os alunos a explorarem diferentes perspectivas e a questionarem suas próprias percepções. Estimule a criatividade e a expressão individual durante o processo de desenho, incentivando os alunos a incorporarem elementos próprios na interpretação da imagem.

3.1.2. Segunda atividade: Desenho às Cegas na Percepção Tátil e Artística

Na segunda atividade delineada, o instrutor empreenderá uma incursão na percepção tátil dos discentes, visando promover a capacidade de abstração e sensibilidade. Para tal desiderato, será incumbência do docente empregar tecidos e/ou materiais caracterizados por distintas texturas. Os alunos, com os olhos meticulosamente vendados, serão instados a selecionar um material e discernir suas linhas, contornos e substância, de modo a transpor para o papel as sensações táteis assimiladas. Este exercício meticuloso fomenta não apenas uma apreciação mais aguda das qualidades táteis dos materiais, mas também instiga a habilidade de traduzi-las em representações gráficas, nutrindo, assim, a faculdade de abstração e a sensibilidade artística dos participantes.

- Plano de Aula: Exploração do Desenho às Cegas na Percepção Tátil e Artística

Nível de Ensino: 6º ano do Ensino Fundamental à 3ª série do Ensino Médio;

Objetivos: Aprofundar a compreensão tátil e cinestésica na prática artística e estimular a percepção sensorial e a abstração na representação visual, desenvolvendo as habilidades de observação e controle motor.

Recursos necessários: material de desenho (papel, lápis, borracha); tecidos texturizados (ex: linho, lã, seda); Vendas ou tecidos para cobrir os olhos dos alunos.

Metodologia:

- Apresentar o conceito de desenho às cegas como uma técnica que enfatiza a relação entre o tato e a representação visual;
- Disponibilizar uma variedade de tecidos texturizados;
- Solicitar aos alunos que explorem as texturas através do toque e se familiarizar com as diferentes sensações táteis;
- Distribuir vendas ou tecidos para cobrir os olhos dos alunos e instruir os alunos a escolher um tecido sem vê-lo e a explorá-lo com as mãos, focando na percepção tátil;
- Com os olhos vendados, os alunos deverão desenhar o que sentem a partir da percepção tátil do tecido escolhido, enfatizar a abstração e a sensibilidade na representação;
- Os alunos apresentarão e discutirão seus desenhos, compartilhando suas percepções e desafios enfrentados.

Avaliação: Se baseará na capacidade dos alunos de traduzir a percepção tátil para a representação visual, assim como na criatividade e originalidade nas interpretações.

Observações: Este exercício requer concentração e sensibilidade para captar nuances táteis. Encoraje os alunos a se entregarem à experiência. Promova discussões sobre a relação entre as sensações táteis e a expressão artística, estimulando uma reflexão mais profunda sobre o processo.

3.1.3. Terceira atividade: Percepção Visual com Desenhos de Objetos Invertidos

Na terceira etapa proposta, o educador se dedicará à ampliação da percepção visual e ao aprimoramento das habilidades dos alunos em desenhar objetos tridimensionais de forma invertida. Para facilitar a compreensão, o docente poderá utilizar objetos de uso cotidiano, permitindo aos alunos observarem-nos e desenhá-los de diversos ângulos. Para estimular a criatividade e aprofundar a experiência, o professor tem a opção de compor arranjos com diferentes objetos e elementos, conferindo assim maior dinamismo à atividade. Este enfoque não apenas aprimora as capacidades técnicas, mas também fomenta uma apreciação mais complexa da interação entre percepção visual e representação tridimensional.

- Plano de Aula: Exploração da Percepção Visual com Desenhos de Objetos Invertidos

Nível de Ensino: 6º ano do Ensino Fundamental à 3ª série do Ensino Médio;

Objetivos: Aprofundar a compreensão da percepção visual e suas complexidades e estimular a observação aguçada e a interpretação criativa, desenvolvendo habilidades avançadas de representação gráfica.

Recursos necessários: material de desenho (papel, lápis, borracha); Objetos diversos para observação (pode incluir esculturas, utensílios, ou objetos de interesse artístico).

Metodologia:

- Apresentar o objetivo da aula: explorar a percepção visual através de desenhos de objetos de forma invertida, ou seja, no sentido contrário ao natural, contextualizar a atividade nas práticas contemporâneas de arte visual;

- Realize uma introdução teórica sobre os princípios da percepção visual e como a mente interpreta os objetos;

- Apresentar uma seleção de objetos interessantes para os alunos, encorajar a observação detalhada e o entendimento das formas tridimensionais, instruir os alunos a escolherem um objeto e desenhá-lo de forma invertida, ou seja, inverter a perspectiva usual;

- Conclua da aula enfatizando a importância da observação aguçada na prática artística e na percepção visual.

Avaliação: os alunos serão avaliados com base na precisão da representação, na capacidade de observação e interpretação, bem como na participação ativa nas discussões críticas.

Observações: Este exercício requer concentração e atenção aos detalhes. Encoraje os alunos a explorarem diferentes perspectivas e a questionarem suas próprias percepções. Estimule a criatividade e a expressão individual durante o processo de desenho, incentivando os alunos a incorporarem elementos próprios na interpretação dos objetos invertidos.

3.1.4. Quarta atividade: Desenhos com a mão não dominante

Na quarta etapa, sugere-se uma exploração mais aprofundada da percepção visual e do desenvolvimento da coordenação motora. Nesta fase, é esperado que o educador oriente os alunos a observarem meticulosamente os elementos dispostos no ambiente e, posteriormente, a reproduzi-los por meio do uso da mão não dominante. Esta abordagem promove não apenas a habilidade técnica, mas também estimula uma compreensão mais profunda da interação entre a percepção visual e a execução motora, oferecendo assim uma experiência enriquecedora no processo criativo.

- Plano de Aula: Aprofundando a Percepção Visual com Desenhos Utilizando a Mão Não Dominante.

Nível de Ensino: 6º ano do Ensino Fundamental à 3ª série do Ensino Médio;

Objetivos: refinar a habilidade de observação e representação artística e estimular o desenvolvimento da coordenação motora na utilização da mão não dominante. Promover a reflexão sobre a importância da experimentação na prática artística.

Recursos necessários: material de desenho (papel, lápis, borracha); Objetos diversos para observação (pode incluir esculturas, utensílios, ou objetos de interesse artístico).

Metodologia:

- Realizar uma introdução teórica sobre os princípios da percepção visual e como a mente interpreta os objetos e destacar a importância da observação detalhada.
- Apresentar uma seleção de objetos interessantes para os alunos e encorajar a observação atenta e a compreensão das formas tridimensionais.
- Instruir os alunos a escolherem um objeto e desenhá-lo utilizando a mão não dominante, enfatizando a importância da experimentação na prática artística e na evolução das habilidades motoras.

Avaliação: Os alunos serão avaliados com base na precisão da representação, na capacidade de observação e interpretação, bem como na capacidade de adaptação ao utilizar a mão não dominante.

Observações: Estimule a criatividade e a expressão individual durante o processo de desenho, incentivando os alunos a incorporarem elementos próprios na interpretação dos objetos.

3.1.5. Quinta atividade: Objetos do Cotidiano através do Desenho

Na quinta atividade, recomenda-se ao docente que promova a elaboração de um desenho mais minucioso. Neste contexto, é proposto que o professor exiba apenas uma fração ou segmento de um objeto ou composição escolhidos por ele. Esta abordagem incita os alunos a praticarem a observação sob distintos ângulos, a explorarem uma variedade de técnicas de desenho e a buscarem a expressão individual na representação visual.

Essa prática não apenas desafia os estudantes a aprimorarem sua capacidade de representação detalhada, mas também fomenta a exploração de perspectivas múltiplas e o desenvolvimento de habilidades técnicas mais refinadas. Ao incentivar a busca pela própria expressão artística na representação visual, esta atividade amplia as fronteiras da percepção e criatividade dos alunos, culminando em um aprofundamento significativo de seu repertório artístico.

- Plano de Aula: análise Detalhada de Objetos do Cotidiano através do Desenho

Nível de Ensino: 6º ano do Ensino Fundamental à 3ª série do Ensino Médio;

Objetivos: Desenvolver habilidades de observação aguçada e interpretação artística estimulando a análise crítica de objetos do cotidiano e fomentar a expressão individual na representação visual.

Recursos Necessários: material de desenho (papel, lápis, borracha); Objetos do cotidiano (ex: utensílios, dispositivos eletrônicos, ferramentas).

Metodologia:

- Aprofundar a percepção visual e analítica através da observação e desenho de objetos do cotidiano.

- Apresentar uma variedade de objetos do cotidiano, incentivando os alunos a escolherem um que os intriga ou desperta interesse, fazer uma introdução teórica sobre os princípios da análise visual e como interpretamos os objetos e destacar a importância da observação atenta para a representação fiel e expressiva.

- Estimular a observação detalhada dos aspectos físicos e funcionais do objeto e instruir os alunos a desenharem o objeto escolhido, destacando aspectos específicos que consideram relevantes, encorajar o uso de técnicas variadas de desenho para realçar características do objeto.

- Os alunos devem apresentar e discutir seus desenhos, compartilhando suas escolhas e interpretações promovendo a reflexão sobre como diferentes perspectivas podem influenciar a representação de um objeto.

- Concluir a aula enfatizando a importância da observação aguçada e da análise crítica na prática artística e incentivar os alunos a aplicarem essas habilidades em suas produções futuras.

Avaliação: os alunos serão avaliados com base na precisão da representação, na capacidade de observação e interpretação, bem como na participação ativa na discussão crítica.

Observações: encoraje os alunos a explorarem diferentes perspectivas e ângulos na observação dos objetos. Estimule a criatividade e a expressão individual durante o processo de desenho, incentivando os alunos a incorporarem elementos próprios na interpretação dos objetos do cotidiano.

3.1.6. Sexta atividade: Desenho coletivo

Na sexta atividade, propõe-se uma experiência envolvente e reflexiva no campo das artes visuais, explorando o desenvolvimento criativo e a expressão artística através de uma

atividade colaborativa única. Ao desafiar os alunos a participarem de um processo de criação onde a imaginação é livre e a colaboração é essencial, é proposto que o professor não apenas estimule as habilidades artísticas, mas também promova o desenvolvimento de criatividade, autonomia e capacidade de análise crítica. Através desta jornada, os alunos serão convidados a explorar novas formas de expressão, a valorizar sua singularidade artística e a compreender o valor da colaboração e do diálogo no processo criativo.

Plano de Aula de Artes: Exploração da Criatividade através do Desenho Coletivo

Nível de Ensino: 6º ano do Ensino Fundamental à 3ª série do Ensino Médio;

Objetivos: Explorar a criatividade dos alunos por meio do desenho colaborativo e observar como diferentes faixas etárias expressam sua arte e compreender as características de cada fase de desenvolvimento.

Recursos Necessários: papéis dobrados em quatro partes iguais para cada aluno; materiais de desenho, como lápis, canetas coloridas, giz de cera, etc.; exemplos de desenhos colaborativos feitos por alunos de diferentes séries.

Metodologia:

- Apresentar aos alunos o conceito de desenho colaborativo, explicando a atividade que será realizada.
- Discutir brevemente a importância da criatividade na arte e como diferentes idades podem expressá-la de maneiras únicas.
- Distribuir os papéis dobrados em quatro partes iguais para cada aluno.
- Explicar que cada aluno começará um desenho na primeira parte do papel, passará para o próximo colega, e assim por diante, até que todas as partes do papel estejam preenchidas.
- Enfatizar que os alunos não devem ver o que foi desenhado anteriormente e devem continuar a partir da linha indicada.
- Encorajar os alunos a expressarem sua criatividade livremente, sem se preocuparem com perfeição ou julgamento.

Avaliação:

Os alunos serão avaliados com base na participação ativa na atividade prática, na contribuição para as discussões em grupo e na qualidade de sua reflexão crítica sobre as obras de arte produzidas durante a aula.

Observações: Enfatize a importância da reflexão sobre a criatividade e a expressão pessoal na produção artística, incentivando os alunos a considerarem o papel desses elementos em seu próprio trabalho artístico futuro.

4. CONCLUSÃO

Durante o decorrer dos anos letivos, uma observação substancial emergiu das minhas interações em sala de aula: ao avançarem do ensino fundamental para etapas posteriores, os estudantes frequentemente abandonam suas concepções sobre Arte e seu papel vital na existência humana. Anteriormente, ávidos por expressar-se através do desenho e explorar diversas formas de criação artística, muitos desses adolescentes manifestam agora desinteresse por tais atividades. Em resposta a esse fenômeno, esta sequência didática se pauta em uma estratégia inicial voltada para propiciar aos alunos a oportunidade de desenhar sem a exigência de uma visão holística do produto final. Esta abordagem visa demonstrar que o processo criativo e a imaginação transcendem as convenções estéticas convencionais. Como extensão desse conceito, surgiu a proposta de desenvolver portfólios individuais, permitindo aos estudantes uma revisão retrospectiva de suas produções ao longo do ano letivo, facilitando assim a reflexão sobre seu progresso e evolução artística.

O uso das atividades aqui apresentadas ao longo do ano letivo, onde proporcionam uma ampla gama de experiências artísticas e visuais, e reunidas ao final no portfólio, é apresentado como um catalisador essencial no desenvolvimento artístico dos estudantes e sua reflexão sobre o tema. O diversificado conjunto de experiências proporcionado não apenas nutre a criatividade e aprimora as habilidades técnicas, mas também fomenta um olhar crítico e analítico sobre o processo de criação artística.

O resultado tangível dessas jornadas criativas é o portfólio, uma compilação reflexiva que testemunha a evolução artística de cada indivíduo. Este registro íntimo transcende a mera representação visual, emergindo como uma manifestação sofisticada das percepções individuais sobre o próprio processo criativo e a desconstrução do olhar tradicionalmente estabelecido.

Em resumo, o portfólio acadêmico, aplicado à Educação Básica, configura-se como um componente inalienável na formação artística de adolescentes. Sua função transcendente, ao proporcionar um espaço para a análise crítica e aprofundada da evolução artística, ressalta sua importância como ferramenta poderosa no desenvolvimento contínuo das habilidades artísticas. Dessa forma, urge promover e incentivar o uso diligente e reflexivo do mesmo como um elemento integrante e vital do currículo educacional em artes.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Gustavo Cunha; OLIVEIRA, Ana Arlinda. **Sobre métodos de leitura de imagem no ensino da arte contemporânea.** *Imagens da Educação*, Maringá, p. 70-76, 2013.

Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/20238>

Acesso em: 20/09/2023

BALISCEI, João Paulo; STEIN, Vinícius; Alvares, Daniele Luiza Flach. **Conhecendo o Image Watching e a Abordagem Triangular: Reflexões sobre as imagens da arte no Ensino Fundamental.** *Revista Contexto & Educação*, [S. l.], v. 33, n. 104, p. 305–416, 2018. Disponível em:

<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/6782>. Acesso em 23/09/2023:

BARBOSA, Ana Mae. **Arte como cultura e expressão: Arte-educação pós-colonialista no Brasil: aprendizagem triangular.** *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/arte, 1998. p. 30-43.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação no Brasil: das origens ao modernismo.** São Paulo: Perspectiva, 1985.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte. 8. ed.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 2010a.

BARBOSA, Ana Mae. **Proposta ou abordagem triangular: uma breve revisão.** *A imagem no ensino da arte. 8. ed.* São Paulo: Ed. Perspectiva, 2010b. p. XXV-XXXIV.

BOMBONATO, Giseli Aparecida; FARAGO, Alessandra Corrêa. **As etapas do desenho Infantil segundo autores contemporâneos.** Bebedouro-São Paulo. *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, Bebedouro-SP, 3 (1): 171-195, 2016. Disponível em:

<https://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/40/30042016104546.pdf> Acesso em: 20/09/2023

LOWENFELD, Viktor. **A criança e sua arte.** São Paulo: Mestre Jou, 1976.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; HERNÁNDEZ, Fernando (Org.). **Formação do(a) professor(a) e o ensino das artes visuais: um livro necessário.** Santa Maria: Ed. UFSM, 2005. p. 11-20.

PORCHER, Louis. **Educação Artística: Luxo ou necessidade?** São Paulo: Summus, 1982.

SANTIAGO, Daniela Emilena. et al. **O grafismo como representação do desenvolvimento do ser humano.** Ed.:5, vol: 4. Ribeirão Preto–São Paulo. *Revista Científica Integrada*. 2020. Disponível em: <https://www.unaerp.br/revista-cientifica-integrada/edicoes-anteriores/volume-4-edicao-5/4190-rci-grafismoinfantil-112020/file> . Acesso em: 23/09/2024

SOUZA, Ana Paula Bellot de. **Evolução do Grafismo na educação Infantil**. Pós-Graduação – Universidade Candido Mendes Instituto a Vez do mestre, Rio de Janeiro, 2010. 50p.

WYPYCH, Mara Janissek; SCHLICHTA, Consuelo Alcione A. B. D. **Arte na escola: ainda cabe a discussão sobre o método de ensino?** Curitiba. 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1737-8.pdf> . Acesso em: 20/09/2023